

**Expressão escrita**

1. Num texto expositivo-argumentativo, refere a dimensão que, na obra *Frei Luís de Sousa*, assume o mito sebastianista.
2. Num texto de reflexão crítica, refere a intenção pedagógica do autor na obra *Frei Luís de Sousa*.
3. Num texto expositivo-argumentativo, menciona o valor simbólico de que se reveste o espaço físico onde decorre a acção.
4. Num texto expositivo-argumentativo, menciona o valor simbólico subjacente à construção do tempo dramático na obra *Frei Luís de Sousa*.
5. Num texto de reflexão sobre a obra *Frei Luís de Sousa*, evidencia a actualidade da peça.
6. Faz o resumo dos textos 1, 2 e 3 das páginas seguintes.  
(Deverás manter a rede lexical do tema.)
7. Faz a síntese do texto 4 (ver páginas 83-84).

**Texto 1**

A alusão ao «terror» e à «piedade», purificantes, dois elementos fundamentais da teoria aristotélica da tragédia, é significativa; como é significativa a crítica do *melodrama* (nome que então se dava a uma forma degenerescente e pseudo-shakespeariana da tragédia então muito em voga em Portugal).

Quer pelas formas, quer pela sua concepção, o *Frei Luís de Sousa* remonta, para além dos clássicos franceses e italianos (Racine, Corneille, Voltaire, Alfieri, Maffei), às fontes gregas da tragédia. Enquanto naqueles se evidenciava o conflito das personalidades e dos sentimentos, particularmente da ambição e do amor, nestes sobressaía quase sempre a intervenção de uma fatalidade transcendente aos homens indefesos. É uma fatalidade deste tipo que no *Frei Luís de Sousa* parece cair sobre os protagonistas. O Romeiro serve-lhe de portador: o aparecimento dele vem anular toda a vida que se erguera sobre o pressuposto da morte de D. João de Portugal; anular o segundo casamento da sua suposta viúva, e riscar do rol dos legitimamente nascidos e vivos a filha que desse casamento nascera. O passado, que se julgava morto como um vulcão extinto, vem tragar os vivos que se tinham instalado na sua cratera. E ninguém parece culpado, porque D. Madalena foi sempre fiel (salvo num sentimento intimamente reprimido e inconsequente: o de se ter apaixonado por Manuel de Sousa, e sem que ele próprio o soubesse, quando ainda casada com D. João), e seu marido é um português exemplar, admirador do suposto morto. À fatalidade nada resiste, nem mesmo os direitos da vida, que Maria nas cenas finais proclama:

*«Que Deus é este que está nesse altar e quer roubar o pai e a mãe a sua filha? (Para os circunstantes) Vós quem sois, espectros fatais?... Quereis-mos tirar dos meus braços?... Esta é a minha mãe, este é o meu pai... Que me importa a mim com o outro, que morresse ou não, que esteja com os mortos ou com os vivos, que se fique na cova ou que ressuscite agora para me matar?»*